

A direita brasileira: o papel das redes sociais na construção de identidades¹

Agnes Bezerra Mendes (UFPel)

RESUMO

A ascensão da direita tornou-se evidente: encontra-se com grande espaço em mídias televisivas, redes sociais e dentro do ambiente acadêmico. No entanto, as construções discursivas são diferentes e, muitas vezes, utilizam ideias reformuladas e com novas influências. Dessa forma, é importante compreender a construção do discurso desses novos atores políticos e, também, compreender como as redes sociais influenciam nesse processo. Diante da concepção – sustentada por muitos anos – de que “ser de direita” era algo negativo, muitos indivíduos e grupos buscaram passar despercebidos. Nessa perspectiva, ao longo dos últimos anos, ocorreu uma mudança de paradigma que estimulou a volta de um pensamento de orgulho das concepções conservadoras, gerando assim, o surgimento e a efetivação de grandes grupos unidos por pensamentos não idênticos porém com um objetivo claro: afirmar a existência de uma direita organizada, consciente de seu espaço e de seus inimigos.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce com o intuito de ser uma pesquisa inicial sobre a temática que faz parte de uma projeto de mestrado. Dessa forma, é uma pesquisa teórica sobre os últimos anos da direita no Brasil, buscando compreender como esse grupo se articulou e se rearticulou nas diferentes conjunturas e quais as suas características. Como método de pesquisa, foram usados artigos coletados em bancos de dados, em que a temática da direita brasileira aparecia em destaque, também focando em artigos que articulavam com as redes sociais. Nessa perspectiva foi feita a leitura desses artigos, buscando encontrar as novas características da direita contemporânea e como ela se articula.

O trabalho tem como objetivo construir uma linha histórica sobre a direita brasileira, buscando identificar as características e os processos que levaram ao surgimento de uma nova direita. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. É importante

1 44º Encontro Anual da ANPOCS - SPG13 - Direitas no Brasil contemporâneo

salientar que esse é um trabalho baseado em artigos científicos, ou seja, foram coletadas as percepções de diferentes autores, buscando sempre focar nas questões históricas apresentadas.

O fenômeno da ascensão da direita no Brasil e em outros países do continente americano e europeu, mostra o quanto a política aparece como um jogo que depende diretamente da conjuntura, depende das condições de possibilidade que o momento histórico oferece. A direita encontra-se com grande espaço em mídias televisivas, redes sociais e dentro do ambiente acadêmico. No entanto, ocorreram modificações nas construções discursivas que aparecem diretamente influenciadas pelo neoliberalismo, também demonstrando pensamentos conservadores e, muitas vezes, violentos. A nova direita – servindo-se das redes sociais – utilizam ideias reformuladas e com novas influências.

Diante da concepção – sustentada por muitos anos – de que “ser de direita” era algo negativo, principalmente pela ascensão do pensamento progressista, muitos indivíduos e grupos buscaram passar despercebidos. Nessa perspectiva, ao longo dos últimos anos, ocorreu uma mudança de paradigma que estimulou a volta de um pensamento de orgulho das concepções conservadoras, gerando assim, o surgimento e a efetivação de grandes grupos unidos por pensamentos não idênticos porém com um objetivo claro: afirmar a existência de uma direita organizada, consciente de seu espaço e de seus inimigos.

UMA NOVA IDEIA

Para falar sobre a direita brasileira contemporânea, é importante compreender como se deu a construção política dessa visão ideológica no Brasil. Quando estudamos Hitler na escola, estudamos com um certo “olhar afastado”, como se tudo aquilo que ocorreu naquela época fosse tão fora da realidade que não poderia voltar a ocorrer. Durante muito tempo, esse foi o pensamento que prevaleceu: pensamentos extremistas, preconceituosos e xenofóbicos foram combatidos e tratados como quase inexistentes, exceções a regra como demonstra GENTILE (2018, p.93):

Na área dos estudos sobre o fascismo registrou-se um domínio do paradigma antifascista, na sua versão liberal ou marxista, de acordo com o qual o fascismo seria um ‘parêntese’ no caminho progressivo da civilização ocidental. Uma vez concluído o ‘parêntese’ do fascismo com o fim da segunda guerra mundial, os pequenos grupos que ainda se inspiravam nos regimes de Mussolini e Hitler vieram a ser apresentados como sobrevivências marginais daqueles fenômenos.

Dessa forma, tratando esses pensamentos como meras faíscas sem força suficiente para gerar algum tipo de movimento, acreditava-se que esquerda e direita tinham objetivos diferentes mas sem permitir qualquer referência a um pensamento fascista.

Entre a segunda metade da década de 1970 e a década de 1980, o panorama mudou sob o efeito do fim da guerra fria. Novos movimentos de direita, qual a “nouvelle droite” francesa de Alain De Benoist (1979), articulando uma reflexão bastante original na área da direita, que prefigurava cenários das últimas duas décadas (implosão da União Soviética, globalização, declínio da democracia representativa e “antipolítica”, ascensão do neoliberalismo e crises financeiras) chamaram a atenção das ciências sociais sobre o tema crucial da “ideologia da direita” (Gentile, 1979). A proposta era de abrir o campo teórico e metodológico, cruzando o plano histórico-político com o plano ideológico. Um dos principais resultados do renascimento do debate foi uma definição de “ideologia da direita”, que se tornou rapidamente um ponto de partida fundamental para uma nova geração de analistas e cientistas sociais.(GENTILE, p 93)

O autor demonstra que esse debate se renovou com a direita deixando de ser vista como apenas um resquício do fascismo, deixando de ser vista como algo que tem tendência a sumir e demonstrando o pensamento ideológico desse grupo.

Diante da ascensão da direita no Brasil – e no mundo – é impossível falar de relações políticas sem falar do papel da internet e, mais precisamente, do papel das redes sociais. Um dos casos mais emblemáticos que demonstra a relação da internet com movimentos políticos é a Primavera Árabe em 2010. Um movimento revolucionário que teve grande força na internet, dando voz e espaço de luta para jovens que não conseguiam esse espaço por meio das mídias televisivas. Assim, as redes sociais conseguem conectar pessoas do mundo todo. Um caso atual é o apagão no Amapá: a televisão mostrou em telejornais o que está ocorrendo no Amapá, mas, sem dúvidas, o twitter escancarou a situação utilizando a hashtag #SOSAmapá.

No entanto, do mesmo modo que as redes sociais são palco de grandes mobilizações, elas demonstram o seu caráter efêmero e – muitas vezes – não passam de um filtro na foto do Facebook: a intensidade da mobilização é alta mas é, quase sempre, rápida. Os limites do que é dito – e do que é lido – tornaram-se flexíveis: apenas com um celular e internet é possível alcançar públicos inimagináveis. No entanto, diferente da mídia televisiva – que todas as informações passam por análises e filtros, as redes sociais não garantem e nem buscam garantir que as informações veiculadas de forma rápida e violenta sejam, de fato, verdadeiras.

Desde as eleições de 2016 nos EUA, as redes sociais atreladas a política estiveram em pauta por difundirem as chamadas Fake News. Segundo Bucci (2019), as fake news viraram um comércio, ou seja, não são mais apenas informações errôneas ou mentiras propagadas por defensores de algum partido ou político. Elas foram transformadas em uma forma de gerar lucro, tornando-se mais problemáticas e preocupantes:

Em 2016, os jornais de vários países noticiaram que jovens da Macedônia produziam conteúdos mentirosos para promover a candidatura de Donald Trump.

Repórteres foram atrás deles para entender suas razões. Descobriram que eles não tinham predileção pelo candidato republicano dos Estados Unidos e que mal queriam saber de política. Eram apenas comerciantes digitais. (BUCCI, 2018, p.22)

No Brasil, as redes sociais também foram ferramenta de disseminação de fake news, utilizadas de forma intensa nas eleições de 2018, elegendo Jair Messias Bolsonaro. Foi uma campanha virtual muito forte e com denúncia de utilização de robôs que propagavam as “notícias” de forma rápida, atingindo um grande número de pessoas. No entanto, segundo a pesquisa da Oxford que Eugênio Bucci (2018) apresenta, os dois lados principais da disputa eleitoral – eleitores do Bolsonaro (PSL) e eleitores de Fernando Haddad (PT) – se valeram de notícias falsas:

Oxford pesquisou também a campanha brasileira de 2018 – os dados sobre o Brasil se tornaram públicos algumas semanas antes – e mostrou que tanto partidários de Bolsonaro quanto eleitores de Fernando Haddad (candidato do Partido dos Trabalhadores – PT – que ficou em segundo lugar) recorriam às fake news e às junk news, mas, e isso é particularmente relevante para este artigo, os primeiros se sobressaíam. Segundo Caio Machado, um brasileiro que participou do estudo, “apoiadores do Bolsonaro compartilham notícias falsas em maior amplitude e replicam quase todas as fontes identificadas como falsas” (BULLA, 2018). Ou seja, a diferença entre um polo e outro não estaria na estratégia das duas campanhas (ambas teriam se valido de mentiras), mas na aptidão dos dois públicos: as audiências mais conservadoras seriam mais propensas, também no Brasil, a espalhar as notícias fraudulentas. (BUCCI, 2018, p.22)

O autor demonstra que, apesar dos dois lados da disputa utilizarem as fake news como forma de propagar ideias, o público voltado para ideais conservadores estaria mais favorável a aceitar e replicar essas notícias. É importante salientar que a ascensão de Bolsonaro tem relação direta com o contexto político brasileiro: as pessoas estavam em um momento de total desilusão política, pela eclosão de inúmeros casos de corrupção, associando a ideia de corrupção diretamente ao Partido dos Trabalhadores – essa associação continuou sendo feita mesmo após a saída do partido da presidência.

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES – UMA ANÁLISE LACLAUNIANA

Buscou-se demonstrar nesse trabalho a importância das redes sociais para a política, tanto de forma positiva como de forma negativa. Diante disso, para compreender como as identidades se constituem, será feita aqui uma breve análise utilizando a construção conceitual de Ernesto Laclau e a sua concepção de antagonismo.

O autor estipula que a produção de sentidos pelo interior discursivo está limitada pelo exterior antagônico, ou seja, a constituição de um discurso se forma a partir da negação de outro discurso. “A presença do outro me impede de ser totalmente eu mesmo. A relação não surge de identidades plenas, mas da impossibilidade da constituição das mesmas” (LACLAU E MOUFFE, 2015). Assim, a sociedade vive em uma busca contante pela construção de uma ordem – e muitos autores constroem as suas teorias enfatizando a ordem. No entanto, levando em consideração os pressupostos de Laclau, essa ordem é algo contingente e oriunda de uma disputa de sentidos, ou seja, o cenário político se constitui em uma busca eterna por hegemonia. Diante disso, é possível perceber que a construção do discurso da direita contemporânea nas redes sociais está embasado em um forte antipetismo, ou seja, a construção dessas identidades se fez por antagonismo.

Nessa perspectiva, o discurso antagônico é sempre um discurso exterior, ou seja, é sempre um discurso com diferente positividade. Dessa forma, a relação antagônica pressupõe um exterior constitutivo diferente do interior – é no limite entre eles que se encontra o corte antagônico. Assim, um discurso tem bloqueada sua expansão de sentidos pela presença de seu corte antagônico:

Se, através da lógica interna de um determinado campo, conseguíssemos passar para o outro campo, estaríamos lidando com uma relação diferencial, e o abismo que separava os dois campos não seria algo verdadeiramente radical. A radicalidade do abismo envolve sua impossibilidade de representação conceitual. (LACLAU, 2013, p.137)

No entanto, é importante salientar que – nessa relação – existe um paradoxo: o exterior constitutivo - “o outro” - é a condição de impossibilidade do “interior” e, ao mesmo tempo, é a condição de possibilidade, na medida em que o interior se constitui sob a ameaça do discurso antagônico.

Outro ponto essencial para analisar a construção dessas identidades é o conceito de *significante vazio*. Laclau demonstra no livro *A Razão Populista* que o *significante vazio* é disputado por discursos distintos, estabelecendo que esse sentido não pode ser definido *a priori*:

O papel semântico desses termos não é expressar *qualquer* conteúdo positivo, mas, conforme vimos, funcionar como nomes de uma plenitude que está constitutivamente ausente. É porque não existe situação humana na qual não ocorra injustiça que a “justiça”, enquanto termo, faz sentido. Na medida em que nomeia uma plenitude indiferenciada, não possui um conteúdo conceitual, qualquer que seja: não é um termo *abstrato*, mas, no sentido mais estrito, é *vazio*. (LACLAU, 2013, p. 155)

Assim, é possível pensar que termos disputados em debates virtuais – como o significante “ética” - são significantes vazios que carregam um conteúdo diferente dependendo de quais sujeitos estão utilizando-os.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não se propõe a responder questões, buscou-se fazer uma análise inicial do caminho percorrido pela direita contemporânea nas redes sociais. Dessa forma, as conclusões são parciais. Primeiramente, destaca-se, em todos os artigos analisados, a característica principal da ascensão da direita no Brasil: o radicalismo e a violência presente na enunciação dos discursos. Nesses discursos, verifica-se a presença do “antipetismo”, que unificou muitos grupos com intuítos distintos. Nessa perspectiva, um dos fatos que aparecem nos artigos como um momento de ruptura são as manifestações de 2013. Várias análises apontam esse momento como constitutivo de uma nova direita, dentre elas destacam-se as de Amadeu (2015) e a de Abreu e Melo (2017). Segundo os autores, após as manifestações, a internet passou a ser utilizada como uma das principais arenas de disputa pelas visões de mundo voltadas à esquerda e à direita.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jonas Modesto; MELO, Danielle Pereira. **Redes sociais e comportamento político violento: uma síntese das ameaças aos direitos humanos no Brasil**. JURIS - Revista da Faculdade de Direito, [S.l.], v. 27, n. 2, p. 139-154, dez. 2017. ISSN 2447-3855. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/juris/article/view/7103>>. Acesso em: 03 maio 2020. doi:<https://doi.org/10.14295/juris.v27i2.7103>.

AMADEU, Sérgio. **“Direita nas redes sociais online”**. In: Velasco e Cruz, Sebastião; Kaysel, André; Codas, Gustavo. (orgs.) *Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 213-230.

BUCCI, E. **Seriam as fake news mais eficazes para campanhas de direita?** – uma hipótese a partir das eleições de 2018 no Brasil. *Novos Olhares, [S. l.]*, v. 8, n. 2, p. 21-29, 2019.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista:** por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015.

LACLAU, Ernesto. **A Razão Populista.** São Paulo: Três Estrelas, 2013.

GENTILE, F. **A direita brasileira em perspectiva histórica.** Plural - Revista de Ciências Sociais, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 92-110, 2018.